



Biossegurança pede apoio

Comissão do CCS explica que seus objetivos ultrapassam os limites de um laboratório de pesquisa ou de um hospital

Ao ler “biossegurança”, muitos associam o termo aos cuidados que devem ser tomados em um laboratório de pesquisa ou em um hospital. Mas seu significado é muito mais amplo. E, de acordo com a professora Sônia Costa, coordenadora de biossegurança do Centro de Ciências da Saúde, o tema não tem recebido a atenção que merece não só no CCS, mas em toda a UFRJ.

De acordo com Sônia, em linhas gerais, a biossegurança representa todos os meios para que seja desenvolvido um trabalho sem causar danos à saúde humana e ao meio ambiente: “Quando você está trabalhando em uma sala mal iluminada ou mal ventilada, se um monitor antigo bombardeia seus olhos com uma luz inadequada, com um ar-condicionado ruidoso ao longo do dia, se não existem rotas de fuga em caso de incêndio... Temos aqui vários problemas que afetam a biossegurança”, esclarece a professora. “A biossegurança tem que ser uma bandeira que a UFRJ deve levantar bem alto”, completa. Sônia, que é professora do Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais, assumiu a responsabilidade de coordenar os trabalhos da biossegurança no CCS em agosto de 2007. E sabia muito bem o que ia enfrentar: “Sou professora aqui desde dezembro de 1976. Então eu conheço muito bem este prédio”.

Desde então, vários problemas foram identificados. Um deles, considerado muito sério, é a presença de “animais exógenos aos biotérios do CCS”. Ou seja, cães e gatos que perambulam dentro e no entorno do prédio: “Nós temos um interbloco aqui lotado de gatos. Em condições de higiene próximas do absurdo. Porque o mau cheiro é imenso”, observa. A professora acrescenta que os felinos também defecam nos laboratórios e chegam a morrer eletrocutados nas subestações de energia, deixando o Centro sem luz. Também já existem registros de ataques de cães às pessoas. “Nós tivemos um professor que foi atacado por uma matilha aqui no subsolo. E a situação está ficando cada vez mais premente”, acrescenta.

Relatório tem proposta de solução

Em abril de 2009, a comissão de biossegurança apresentou ao Conselho de Centro um relatório específico sobre o assunto. O objetivo era implantar uma política, semelhante à que existe na Unicamp, para o tratamento desses animais estranhos aos biotérios, até para o próprio bem deles. Proposta que chegou ao conhecimento do Conselho Universitário, por meio da ouvidora-geral Cristina Riche, mas sem maiores repercussões. O que se defende, primeiro de tudo, é a retirada dos cães e gatos do prédio. O CCS também deveria ser cercado para impedir a entrada de novos animais. Por fim, os felinos e cães abandonados no *campus* deveriam ser capturados, tratados e disponibilizados para adoção por um órgão específico: “Não



É COMUM ENCONTRAR CÃES E GATOS DENTRO E NAS PROXIMIDADES DO CCS. LIXEIRAS ABERTAS TAMBÉM SÃO UMA PERIGOSA FONTE DE CONTAMINAÇÃO

Nutes sofreu infestação de ácaros no início de junho

Em 13 de junho, professores, estudantes e funcionários do Nutes (Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde) comunicaram à comissão de biossegurança do CCS a infestação, dias antes, por uns “bichinhos” que causavam coceiras nas pessoas. Antes da detetização, alguns deles foram recolhidos em uma sacola e entregues à CBios-CCS. Naquela mesma data, a professora Sônia Costa entrou em contato com o Instituto de Biologia em busca de algum especialista que pudesse auxiliá-la no caso. No dia seguinte, o professor Renner Baptista, do IB, encontrou, naquela sacola, dois espécimes. Mas apenas um em condições de ser analisado. Descobriu tratar-se de um ácaro do gênero *Ornithonyssus*, da família *Macronyssidae*, comum em pombos ou ratos.

Questionada sobre a suspeita da comunidade do Nutes se a situação poderia estar relacionada aos escombros do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), intocados há sete meses, e cuja “fauna” possa ter se deslocado para as redondezas, a professora Sônia Costa disse que existe uma percepção subjetiva de uma maior população de ratos no prédio. Mas não tem conhecimento de estudo que ateste essa “migração” para o CCS. “Naqueles quiosques entre o CCS e o hospital, é de constatar a situação das lixeiras que estão ali. Quando

começa a escurecer, vem cada ratazana que parece um gato, pelo tamanho. Reviram aquilo tudo”, conclui.

A assessoria de comunicação do HUCFF informou que existe um “contrato com empresa privada responsável pela prevenção e controle de pragas (cupins, ratos, baratas, mosquitos e outros vetores) que, periodicamente, reforça esta manutenção”. O tratamento, antes da implosão, era feito tanto na parte ocupada, como na “perna seca” do hospital. Em abril deste ano, a Divisão de Atividades Gerenciais (DAG) acompanhou uma equipe da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) que vistoriou o prédio do HUCFF com a finalidade de checar possíveis focos de roedores. Na oportunidade, foi providenciada a colocação de veneno em áreas específicas. Os escombros também foram checados. A reportagem do Jornal da Adufrj não conseguiu entrar em contato com a decana do CCS.

A professora Sônia lembra que a presença dos gatos não afasta os ratos: “Os gatos não incomodam os ratos, pois são tratados com ração. Eles não comem tudo, então compartilham com os ratos. Os cães também são tratados e não entram no interbloco onde estão os gatos. No fim das contas, todas as pragas estão convivendo harmonicamente”, critica.

sabemos o estado sanitário desses animais. Esse problema é antigo, mas não se resolveu, menos pela falta de soluções, mas talvez pelo fato de estar se deixando para mais tarde”, lamenta Sônia.

Estrutura precária

O trabalho da comissão é importante, mas ainda enfrenta muitos obstáculos. Embora tenha sido instalada em 2007, ficou um ano sem sala fixa para seus trabalhos. Depois, passou a ter um espaço compartilhado com o Setor de Compras do CCS. Somente no ano passado, a comissão ganhou uma sala com saída independente para o corredor. E, há poucos meses, a CBios-CCS passou a contar com uma secretária concursada. Só que nem telefone existe ainda na sala.

“A partir do momento em que for reconhecida, a biossegurança vai ter telefone, vai ter técnico fixo funcionando. Se a Sônia Costa se afasta, cansa, como fica? Tem que criar uma estrutura profissional. Tem que criar vaga para farmacêutico, biólogo... que vão trabalhar exclusivamente em biossegurança, uma equipe multidisciplinar. Não basta para o CCS ser o Centro que mais produz trabalhos científicos. Tem que produzir, sim, e cada vez mais, mas em respeito às regras de biossegurança, pois o ser humano tem que vir antes, inserido no meio ambiente”, conclui a professora.

Apesar dos percalços, a comissão coleciona importantes conquistas. Conseguiu, por exemplo, fazer valer a lei federal de proibição de fumar dentro do prédio. “O Centro de Ciências da Saúde tem mais de 40 anos. Até então, ninguém nunca tinha se preocupado com o ato do tabagismo dentro do prédio. Quando nós assumimos, se fumava em qualquer corredor, qualquer subsolo. Então a qualidade do ar era irrespirável. Então não foi uma conquista fácil. Em junho de 2009, nós fizemos o primeiro evento – a Jornada de Controle do Tabagismo e Promoção da Saúde (este ano, houve a terceira edição). E posso dizer que atingimos de 95% a 98% do prédio”.

Outra vitória foi evitar que as pessoas entrassem de jaleco no único restaurante do Centro, o Fundão Grill, por questão de contaminação. “O jaleco pode ser um vetor de agente químicos e biológicos que podem provocar doenças. Então só pode ser usado no local onde você está se protegendo contra algum risco. Não se poderia sequer entrar no centro de convivência, mas o pessoal da Saúde é muito refratário. Usa muito (o jaleco) porque significa um *status*”, diz Sônia.

Outros pontos que a professora elenca entre os avanços da biossegurança no Centro são: a melhoria do descarte de rejeitos químicos das unidades e, em parceria com o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), a criação de uma disciplina chamada “Bioética, biossegurança e boas práticas com animais em experimentação”, oferecida uma vez por ano, desde 2009. Também em conjunto com o ICB foi criado um ciclo anual de seminários sobre biossegurança. Este ano, no segundo semestre letivo, acontece a segunda edição: “Até em solicitação dos alunos. Que são profundamente motivados pelo assunto”, explica, orgulhosa, a professora.